

# Acuado, Ulysses sai em busca de apoios no PMDB

22 MAR 1987

p 12

Amg

ANC 88  
Pasta 21 a 25  
março/87  
017

JORNAL DO BRASIL

Brasília — O deputado Ulysses Guimarães passou a colocar em prática, com a eleição do senador Mário Covas para a liderança do PMDB na Constituinte, uma das frases prediletas do seu livro "Rompendo o cerco": "A minha filosofia é a do herói francês — estou cercado, eu ataco". Acuado dentro do partido e do governo, Ulysses tentou, sexta-feira passada, a primeira reação, atuando como mestre-de-cerimônia do jantar que o presidente José Sarney ofereceu aos parlamentares do PMDB.

Ainda na quinta-feira, depois de derrotado, Ulysses começou a resgatar o apoio dos amigos que tinham se aliado a Covas e ao senador José Richa (PR) e os usou como mediadores entre ele e os vencedores. Curvou-se à primeira reivindicação: prometeu conversar com os governadores Pedro Simon (RS) e Miguel Arraes (PE) sobre a posição que os dois assumiriam, diante da necessidade de a executiva definir-se a respeito dos cargos vagos no comando do partido. Se Simon (1º vice-presidente) e Arraes (2º vice) renunciarem a seus cargos, Ulysses convocará o diretório nacional para eleger os substitutos, obedecendo à correlação de forças criada com a vitória de Covas. Se os dois optarem pela licença, nem por isso, prometeu, deixará de buscar a composição.

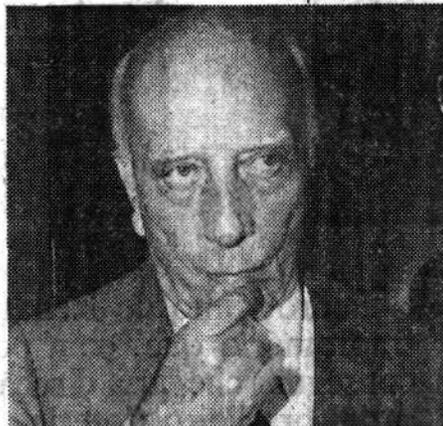
## Successão

Ulysses foi avisado de que o grupo vitorioso não deseja desalojá-lo da presidência do PMDB, mas quer seu afastamento temporário — ele reassumiria o comando com a promulgação da nova Constituição e cumpriria o restante do mandato, que se encerra em abril do próximo ano. Publicamente, o deputado admite a hipótese, mas a rejeita na conversa com amigos, alegando que, se sair agora, estará caracterizada uma derrota, que moralmente o impediria não só de retornar, mas principalmente de tentar a reeleição na convenção do próximo ano.

Como seu plano é participar, como parte interessada, da sucessão do presidente Sarney, sentado na presidência do partido, Ulysses advertiu que não deixará o cargo. Argumenta que a sucessão dividiria os que se aliaram circunstancialmente em torno de Covas, e isso se refletiria, dentro do PMDB, numa disputa pelo comando do partido. "Além do mais, para a preservação da própria Aliança Democrática, não é conveniente para ninguém que o PMDB se divida agora, pois não sabemos o que vem por aí", alega, insinuando que sua permanência na presidência do PMDB é reivindicada pelo próprio presidente Sarney.

"A esta altura", afirma o senador Affonso Camargo (PR), postulante à 1ª vice-presidência do PMDB para eventualmente suceder Ulysses Guimarães, "ele já deve ter feito a autocrítica". O deputado Fernando Lyra (PE), um dos participantes da rebelião contra o presidente do partido, tem idéia

Arquivo — 5/7/85



Ulysses procura os amigos

diferente. Acha que Ulysses não faz autocrítica e sim reflexão.

Em qualquer um dos casos, Ulysses, segundo revelou um de seus amigos, já fez um balanço de toda a trajetória do PMDB na Nova República. O deputado Heráclito Fortes (PI), intimamente ligado a ele, reconhece que Ulysses precisava ter um contraponto que, provocando emulações, daria mais dinamismo ao partido. Com a morte de Tancredo Neves, que fazia esse papel, Ulysses valeu-se de suas divergências com Sarney para equilibrar-se dentro do PMDB.

A emulação com Sarney, reconhecem seus amigos, provocou efeito contrário, pois se somou à insatisfação contra sua atuação no comando do PMDB, desembocando na vitória de Covas. Na intimidade, o senador Affonso Camargo reconhece que Sarney "amarrou" Ulysses no governo, estimulando-o como candidato a sua sucessão. O deputado teria aceito o jogo porque é o primeiro a reconhecer a necessidade de o PMDB apoiar Sarney até o último dia de seu mandato. Assim, todos os presidenciais do PMDB estariam também presos a Sarney. Muito em função disso é que ele tem evitado reagir às investidas de Sarney dentro do PMDB, exceto no caso da designação do deputado Carlos Sant'Anna (BA) para a liderança do governo na Constituinte, contra a qual chegou a ser contundente.

A perda de poder de Ulysses dentro do PMDB é atribuída em parte a seu desgaste na base do partido. O prefeito de Recife, Jarbas Vasconcellos, presente em Brasília no dia da eleição de Covas, interpretou o episódio como resultado do contato que os constituintes tiveram com as bases, no recesso do carnaval.

As bases do PMDB vêm com muita desconfiança o comando nacional do partido, encarnado na figura do Dr Ulysses. Antes, ele era o grande referencial, agora virou deboche e folclore, por causa da acumulação de cargos. Os que votaram em Covas o fizeram influenciados por isso", afirma Jarbas, com a concordância de Camargo.